

DE OLHO EM 98

ESTADO DE SÃO PAULO

PPB e PT resistem a opções tradicionais para Presidência

Empenho de Maluf irrita bancada e petistas avaliam se Tarso não seria mais "moderno" do que Lula

SILVIO BRESSAN

A sucessão presidencial de 1998 já traz problemas para os dois maiores concorrentes à cadeira de Fernando Henrique Cardoso. Tanto o prefeito Paulo Maluf (PPB), quanto o petista Luiz Inácio Lula da Silva começam a esbarrar na resistência de seus partidos. Ninguém no PPB e no PT duvida que, se quiserem, os dois serão candidatos. Mas o projeto pessoal de cada um ainda está longe de entusiasmar os respectivos partidos.

Maluf é o candidato mais declarado, desde que seu pupilo, Celso Pitta (PPB), assumiu a liderança das pesquisas em São Paulo. Eufórico com a possibilidade de ganhar na Capital, o prefeito atirou-se na briga contra a reeleição e começou a bater no governo Fernando Henrique. A empolgação é tamanha que muitos assessores já apostam em Maluf contra o próprio presidente, caso a reeleição seja aprovada.

Nesta semana, vários deputados do PPB criticaram a atitude de Maluf. Eles acusam o prefeito de colocar o projeto pessoal acima do partido e ameaçam até votar pela aprovação, ainda este ano, da reeleição do presidente. Maluf havia falado em expulsar do PPB quem concordasse em discutir o assunto neste ano. Desta vez, ele preferiu não enfrentar a bancada. Há alguns meses, o prefeito tentou impedir a indicação do deputado Francisco Dornelles para o Ministério da Indústria e do Comércio, mas perdeu a parada.

Rejeição — Agora, Maluf preferiu interpretar as críticas como apenas uma reação à sua ausência nas campanhas dos candidatos do PPB em outras cidades do País. "É melhor ficarem zangados comigo do que ficarem felizes por não me convidarem",

despistou o prefeito. De fato, alguns deputados gostariam da presença de Maluf em suas campanhas. Mas a rejeição da bancada também tem razões mais amplas. "Maluf está batendo muito no Fernando Henrique e criando uma antipatia do governo contra a nossa bancada", adverte um dos vice-líderes do PPB na Câmara, Eraldo Trindade (AP).

Político experiente, já no terceiro mandato, Trindade diz que os deputados do PPB não estão dispostos a arcar com o prejuízo em nome de uma aposta para 1998. "Ainda faltam dois anos e muitos deputados têm cargos no governo ou dependem dele para conseguir favores", lembra o parlamentar. "E se Pitta for mal na Prefeitura?", indaga Trindade. "Muitos deputados do PPB ficarão desprotegidos com Maluf na oposição", avalia. "Aí, terão de sair do partido para sobreviver politicamente."

Da mesma forma, Pauderney Avelino (AM), outro vice-líder da bancada, acha que Maluf está superestimando sua força. "Ele tem um grande respeito nosso, mas não é o dono do partido", avisa o deputado. Junto com Trindade e outros deputados, Pauderney diz que votará pela reeleição. "Independentemente da pressão do Maluf, mais da metade do partido poderá votar a favor do projeto", prevê Avelino. Com a resistência da bancada, Maluf já diminuiu as críticas à reeleição e ao governo. Se forçar a situação, pode perder até 20 deputados, segundo estimativas do próprio PPB.

Equívoco — "Maluf se precipitou e cometeu um equívoco", analisa o deputado Jofran Frejat (PPB-DF). Para ele, os ataques do prefeito foram tão prejudiciais quanto inúteis. Frejat acha que Maluf não precisava bri-

gar agora, porque nada será aprovado no Congresso até a eleição.

Sem tantos problemas por enquanto, até porque ainda não está definida, a candidatura de Lula pode se complicar a partir de 3 de outubro, data da eleição. E as pesquisas já confirmam a preocupação de alguns petistas. Se o PT ficar fora do segundo turno nas maiores cidades do País — São Paulo, Rio e Belo Horizonte — uma parte do débito ira para a campanha de Lula. "A questão não está colocada no partido, mas é claro que o resultado das eleições terá influência", admite o deputado José Genoíno (PT-SP).

"Diferente dos outros partidos, onde os chefes continuarão determinando as candidaturas, o PT será mais influenciado pelo resultado das eleições", anota o cientista político Wanderley Guilherme dos Santos. "Como é um partido mais democrático, as urnas poderão determinar as decisões internas." Nesse caso, Lula ganharia uma sombra: o prefeito de Porto Alegre, Tarso Genro. Afinal, se o PT perder em Belo Hori-

zonte, a capital gaúcha seria a única governada pelo partido, e pela terceira vez consecutiva.

"Se o Lula quiser, será o candidato", diz o deputado José Fortunati (PT-RS), candidato a vice-prefeito de Raul Pont em Porto Alegre. "Mas, se não quiser, o Tarso é a melhor alternativa do partido." Até o senador Pedro Simon (PMDB-SP) já falou em apoiar Tarso. E mesmo alguns políticos ligados ao governo reconhecem que o prefeito gaúcho seria uma opção mais moderna. "O PT sabe que só tem chance com uma ampla aliança de centro-esquerda, mas a candidatura Lula dificultaria muito isso", analisa um ministro.



GENOÍNO:
RESULTADO DA
ELEIÇÃO TERÁ
INFLUÊNCIA